

Entre Laranjas e Limões: A participação de negros e escravizados no Entrudo de Desterro

Between Oranges and Limes: The participation of black people and slaves in shrovetide on Desterro

Ana Carolina Müller¹

Resumo: O presente artigo investiga a prática do entrudo na cidade de Desterro, durante o século XIX, focando especialmente na participação de negros e escravizados nas festividades carnavalescas. O entrudo, um jogo caracterizado por molhar pessoas com água e outros líquidos, era uma das formas de celebração do Carnaval e envolvia diversos setores da população. A pesquisa aborda a tensão entre a repressão oficial e a resistência popular, evidenciando como as autoridades tentavam controlar as atividades festivas através de leis e punições. A participação de negros e escravizados no entrudo revela um espaço de agência e subversão, onde podiam expressar, ainda que de forma limitada, suas identidades e resistências. O estudo baseia-se em documentos históricos, como registros policiais e jornais da época, para traçar um panorama das práticas culturais e das dinâmicas sociais envolvidas no entrudo.

Palavras-chave: Carnaval; Entrudo; Desterro; Escravidão; Cultura Popular; Século XIX.

Abstract: This article investigates the practice of shrovetide in the city of Desterro, during the 19th century, focusing especially on the participation of black people and slaves in carnival festivities. The shrovetide, a game characterized by the wetting of people with water and other liquids, was one of the forms to celebrate the carnival and involved several sections of the population. The research approaches the tension between the officer's repression and the popular resistance, making it clear how the authorities tried to control the activities through law and punishment. The participation of black people and slaves in shrovetide reveals a space of agency and subversion, where they could express, even if in a limited way, their identities and resistance. The study bases itself on historic documents, like police reports and newspapers of the time, to trace a panorama of the cultural practices and social dynamics involved in shrovetide.

Keywords: Carnival; Shrovetide; Desterro; Slavery; Popular culture; 19th century.

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: anamullerhis@hotmail.com

Introdução

Das partes do Commandante da Policia, recebidas [...] hoje, consta terem sido presos pelas patrulhas, huma escrava Joanna por ser encontrada em desordem com outro preto forro que se achava em sua casa; hum preto Bonifacio escravo de Francisca d'Paula, por ser encontrado de noite jogando o entrudo molhando as pessoas brancas, [...]; hum preto liberto forro [...], official marceneiro por andar atirando laranjas as senhoras que encontrava pelas janellas; [...] (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Ofício do chefe de polícia para o presidente da província. Desterro, 19 de fevereiro de 1844).

O acontecimento acima sucedeu-se na cidade de Desterro em 1844, ilha de Santa Catarina. Antes de entender os pormenores que levaram à prisão da escravizada Joana, do escravizado Bonifacio e outros dois libertos, é preciso inserir o acontecimento em seu contexto e espaço. A cidade localizada no litoral catarinense, era no século XIX uma importante vila portuária e ponto de partida e de chegada dos mais variados produtos e pessoas². No interior da ilha produzia-se mercadorias que seriam comercializadas e exportadas pelo porto da cidade, havendo uma estreita ligação entre o meio rural e o urbano. Esse sistema produtivo utilizava mão-de-obra escrava para suprir a manutenção do sistema agroexportador, portanto, grande parte das funções e serviços da ilha eram realizados por escravizados e libertos empregados nos mais diversos trabalhos. No espaço urbano, as mulheres escravizadas e/ou libertas vendiam mercadorias em quitandas e os homens trabalhavam em grande parte no porto da cidade, na iluminação pública, como transportadores de mercadorias e pessoas, entre outras diversas funções próprias da cidade portuária³.

Levantamentos de batismos das freguesias da Lagoa e do Ribeirão da Ilha demonstram as nações africanas que predominavam na Ilha⁴, de acordo com os batismos, os africanos representavam aproximadamente metade da população na primeira metade do século XIX; em 1810 a relação de escravos era em torno de 30% dos habitantes, alcançando 40% em 1831 e decrescendo nas décadas seguintes.⁵

Em 1844, o escravizado de nome Bonifacio foi preso pela polícia por “ser encontrado de noite jogando o entrudo molhando as pessoas brancas” enquanto um liberto estava “atirando laranjas as senhoras que encontrava pelas janellas”, ambas as práticas fazem parte do jogo conhecido como “entrudo”. Trata-se de uma das faces do Carnaval, presente em todo

² Além de produtos e mercadorias, os navios faziam circular pela ilha escravos, marinheiros, estrangeiros, viajantes e pessoas do Brasil e do mundo todo (Silva, 2009, p. 15).

³ Ibid., 2009.

⁴ De acordo com os batismos feitos no Ribeirão da ilha, 35% eram escravos da nação Congo (provinham da região Centro-Oeste da África), 15% eram da África Oriental (Moçambique) e 9% da África Ocidental (Costa da Mina). Ibid., 2009.

⁵ Ibid., 2009.

Entre Laranjas e Limões: A participação de negros e escravizados no Entrudo de Desterro – Ana Carolina Müller
o império e praticado por boa parte da população. O entrudo era um conjunto de brincadeiras e festas realizados quarenta dias antes da Páscoa⁶, e consistia em molhar uns aos outros jogando baldes de água, gamelas de água, laranjinhas ou limões de cera. Segundo a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, o entrudo foi abraçado por toda a população, era o momento em que todos se deixavam levar a entrar na brincadeira:

As laranjinhas ou limões de cera jogavam-se de perto e de longe: de perto nas ruas, entre os que se encontravam, e no interior das habitações, onde se reuniam famílias para brincar [...]; de longe das ruas para as janelas dos sobrados, casa térrea contra casa térrea, como fortalezas a bombardear-se [...] Nas ruas e praças, a multidão estrepitosa tresloucava sem medida; os gritos e as gargalhadas, as vezes injúrias e violências [...] (Cunha, 2001, p. 59).

Conforme argumenta Cunha (2001), o entrudo não era uma festividade restrita a uma única classe social, mas sim um espaço de intensa participação coletiva, onde diferentes grupos sociais interagem e onde negros e escravizados conseguiam, ainda que temporariamente, inverter as hierarquias raciais e sociais. No entanto, como destaca Thais Colaço (1988) em sua dissertação⁷, essas práticas populares passaram a ser progressivamente reprimidas em cidades como Desterro, onde a elite local implementou legislações proibitivas e estimulou a substituição do entrudo por formas "civilizadas" de celebração, como os desfiles das Sociedades Carnavalescas. Essa tensão entre repressão e resistência revela como o entrudo, longe de ser apenas uma brincadeira, também representava uma arena de disputas culturais e políticas no século XIX.

No trabalho de Colaço (1988) sobre o Carnaval em Desterro, a autora realiza um enfoque especial sobre a criação das Sociedades Carnavalescas. Nesse sentido, a autora traz detalhes importantes para esse estudo, a primeira documentação encontrada por ela referente ao Carnaval na cidade data de 1832, um ofício enviado pela Câmara municipal ao Presidente da Província proibindo o entrudo⁸. Veremos adiante que a proibição de jogar o entrudo foi presente ao longo de todo o século aqui tratado e fez-se corrente nas leis e posturas que regiam o comportamento da sociedade. Em sua pesquisa, a autora utiliza de consultas feitas nos jornais da cidade de Desterro do século XIX, o entrudo “pelo que se tem notícia de 1832 a 1892, foram 60 anos de altos e baixos na brincadeira. O entrudo aparece triunfante em 1832, 1871, 1872, 1876, 1880, 1884, 1891” (Colaço, 1988, p. 2).

⁶ Cunha, Maria Clementina Pereira. Apresentação in *Ecossistema da Folia*, uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁷ Colaço, Thais Luzia. *O Carnaval No Desterro, século XIX*, dissertação para obtenção do grau de Mestre em História, 1988.

⁸ Colaço, 1988.

A participação de escravizados, livres e libertos no entrudo e no Carnaval oferece uma visão sobre a complexidade e diversidade das relações do período, e demonstram um campo de possibilidades a ser debatido. Os documentos que serviram de fonte para o estudo compreendem sobretudo, devido a restrição dessas fontes, posturas da câmara, publicações em jornais e ofícios do chefe de polícia, ou seja, todos produzidos em sua maioria por brancos em que grande parte eram autoridades e personagens ligados à elite do império. De acordo com Barros (2021), os jornais eram, boa parte, controlados por grupos políticos e econômicos específicos, que filtravam e direcionavam a informação para atender a seus interesses. Ao comunicar ideias e valores buscavam agir sobre a sociedade, além de representarem certos interesses e benefícios. É nesse sentido, que uma pesquisa aprofundada reconhece que os jornais não são neutros, mas veículos de discursos que precisam ser analisados criticamente. Conforme argumentado por Luca (2008), é essencial identificar as intenções por trás dos textos, compreendendo os jornais como fontes ativas na construção do passado, e não meros registros de fatos.

Joana, Bonifacio e os outros presos cujos nomes não foram revelados, não são meras exceções, há diversos outros relatos da participação de escravizados nos momentos de folgedos⁹, porém, é preciso esclarecer, tomando o caso daqueles sujeitos como exemplo, eles atuavam dentro de um campo muito específico de possibilidades, não era um campo acessível a todos, aqueles que se inseriram estavam a um passo de colocar tudo a perder, como foi o caso da escravizada Joana e do Bonifacio. Maria Clementina Pereira Cunha é a autora com que esse trabalho mais se identificou, é a partir das contribuições dela que a história aqui tratada se baseia em uma história do conflito, ao discorrer em especial do sentido do conflito para os escravizados, negros e libertos, é preciso abordar as relações que atravessam esse conflito, portanto, o interesse pelos “de baixo” é também, se tratando de relações, compreender os “de cima”¹⁰.

Por muito tempo a historiografia especializada nesse tema, tratou o entrudo, ou o próprio Carnaval, em uma linha cronológica e evolutiva, até chegar ao dito Carnaval, aquele que transmite a essência da identidade nacional brasileira, em contraponto, ao velho entrudo, o intuito aqui não é sobrepor uma folia sobre a outra, ou abordar o entrudo em sua dimensão simbólica como a preconização do Carnaval, mas sim, tratá-lo como um espaço de variedades

⁹ Ver, por exemplo: Cunha, Maria Clementina Pereira (org), Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

¹⁰ Cunha, Maria Clementina Pereira (org). Apresentação in Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

Entre Laranjas e Limões: A participação de negros e escravizados no Entrudo de Desterro – Ana Carolina Müller e possibilidades, um festejo que se integra às práticas carnavalescas, um jogo praticado por diferentes sujeitos sociais e que tinha portanto, significados diferentes para cada participante.

Desenvolvimento

Felizmente já existe nesta capital uma sociedade carnavalesca, e que a julgar pelo nome que adoptou, devem-se esperar della verdadeiras diabruras; mas porque existe só uma? porque os clubs e as sociedades musicas não se tornão outras tantas sociedades carnavalescas? porque não se organizão mascarados? porque se não enfeitão as ruas para receber essas sociedades? porque em vez de agua se não jogão flôres em cima dos mascarados? e finalmente, porque se não esquece de uma vez para sempre esse maldito jogo de entrudo que nos envergonha e faz retrogradar meio seculo? (*O Despertador*, n. 1.659, 28 de jan. 1879.).

O relato acima consta no jornal *O Despertador*, do ano de 1879. A imprensa no período tinha forte papel de repressão ideológica, como um meio de comunicação aliado aos interesses das autoridades políticas e da classe dominante, ditava por meio de literaturas, textos informativos, charges, etc, a vida cotidiana da sociedade, aprovando ou desaprovando hábitos, e foi portanto, um importante meio para difundir as leis e posturas referente a permissão ou não do entrudo, bem como, de disseminar a ideia de que o entrudo era “antiquário”¹¹, “cadavérico”¹² e “esmagado pela clava do progresso”¹³.

Durante o século XIX a criação das Sociedades Carnavalescas crescia intensamente, ao lado crescia também a ideia de que o advento dos desfiles e dos bailes restritos às camadas mais altas da sociedade faria com que brincadeiras populares e mal vistas pelas famílias conservadores desaparecesse, o entrudo juntamente com outras brincadeiras como os zé-pereiras, eram assim idealizados como atrasados. Aos olhos de grupos específicos da sociedade Desterrense o entrudo era incivilizado e, portanto, o Carnaval deveria ser substituído pelas formas de divertimento civilizadas, de influência francesa e italiana. Ao longo do século XIX, o entrudo passou a ser utilizado por autoridades políticas e jornalistas com sentido oposto de Carnaval, um “maldito jogo de entrudo que nos envergonha e faz retrogradar meio seculo” (*O Despertador*, n. 1.659, 28 de jan. 1879.). Em contraponto, buscava-se inserir familiaridade e sinônimo entre; Carnaval e os bailes, batalhas de confetes e desfiles¹⁴.

¹¹ *Commercial*, n. 8, 23 de jan. 1868.

¹² *Commercial*, n. 16, 22 de fev. 1868.

¹³ *Commercial*, n. 16, 22 de fev. 1868.

¹⁴ Colaço, 1988.

Artigo 1.º – Fica proibido o jogo do entrudo, bem como a venda dos chamados limões de cheiro, Os contraventores pagarão 5\$000 rs. de multa, e o dobro na reincidência, perdendo além, disso, os limões de cheiro, os vendedores ou seus donos (*O Despertador*, n. 671, 3 de jul. 1869).

A lei acima exprime as normas exigidas pela Câmara Municipal à sociedade desterrense, nestas leis os foliões que desrespeitassem as regras eram punidos com cadeia e o pagamento de multa, que variava de acordo com a gravidade e de indivíduo para indivíduo. Assim, uma pessoa livre recebia “2 dias de cadeia, enquanto que o escravo era premiado com 6 dias” (Colaço, 1988, p. 163). As leis aplicadas mais severamente aos escravizados servia para controlar a circulação destes no espaço público, bem como, atendia aos interesses mais próximos dos senhores que não desejavam que os escravizados abandonassem de forma completa o trabalho.¹⁵ Prontamente, essas proibições, também visavam controlar o comportamento dos escravizados frente a um suposto espírito de rebeldia num período borbotoante em revoltas escravas¹⁶.

Victoria! gritou ella, victoria! o inimigo está em vergonhosa retirada! Imagine, vovó, que todos nossos primos e conhecidos, e entre elles o seu noivo, minha Umbelina. (isto dito com uma mesura) tinham vindo em chusma, cada um acompanhado por um formidável taboleiro, para assaltar o sobrado, mas tudo está bem aferrolhado na frente e nos fundos: elles esgolarão contra a sacada as suas munições, e nós a salvo os inundámos com tanta agua que a final fugirão em debandada (*O Mercantil*, n. 805, 31 de jan. 1869).

O trecho acima está presente no jornal *O Mercantil* do ano de 1869, consiste em uma parte de uma pequena história sobre a prática do entrudo. É comum encontrar nos jornais literaturas que tratam sobre a vida cotidiana das famílias da época, algumas dessas histórias continham passagens revelando a prática do entrudo no dia a dia em que buscavam apresentar a brincadeira, algumas procuravam revelar um tom crítico ao jogo e aos praticantes, no sentido de conduzir ao fim da prática. Outras, porém, buscavam trazer à tona a brincadeira para reafirmar a diversão que ela poderia proporcionar.

A literatura em questão, exposta no jornal *O Mercantil*, buscava difundir os males do entrudo. A história inicia com Victoria, uma senhora já em idade avançada, que se compromete a cuidar de Umbelina a pedido de seu pai. O pai da moça tinha muito receio da brincadeira do entrudo e não permitia que sua filha participasse. Umbelina, que estava noiva e

¹⁵ Reis, João José, Tambores e Temores: A festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX in Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

¹⁶ Reis, 2002.

Entre Laranjas e Limões: A participação de negros e escravizados no Entrudo de Desterro – Ana Carolina Müller deveria resguardar-se, ficou trancafiada na casa de Victoria, enquanto as netas da senhora brincavam o dia todo de molhar. A história é um relato marcante dos dias do entrudo.

Longe da agitação, Victoria contava histórias para Umbelina sobre os perigos do entrudo, lembrando casos de pessoas que sofreram acidentes ou adoeceram gravemente devido à brincadeira. Ela destacava a importância de evitar o entrudo, especialmente para a moça, considerada delicada demais para participar. O momento culminante ocorre quando as netas de Victoria entram no mesmo recinto onde a senhora e a jovem estavam. Em tom de euforia, narram a festança toda: “Que gosto! Minha Umbelina! E’ pena você não entrar na dança; estou quasi empregando em você estas bolinhas” (*O Mercantil*, n. 805, 31 de jan. 1869).

Segundo Cunha¹⁷, ao passo das primeiras décadas do século XIX somente as famílias bem vistas entrudavam-se entre si no interior dos sobrados, nas batalhas de janela para janela, aos negros cabia a participação carregando as bandejas com os limões de cera, servindo às famílias. No mais, ainda que em posição de coadjuvante, a situação toda envolvia uma certa diversão para os escravizados¹⁸, ao passo que na ausência dos senhores, eles entrudavam-se animados pelas ruas, em espaços físicos e temporais diferentes daquelas famílias. Pintavam a cara com pó branco em uma clara referência satírica à cor dos senhores.¹⁹ Apesar da forma satírica que a brincadeira poderia contar aos olhos dos escravizados, era quase impossível que um deles viesse a jogar limões em brancos sem serem punidos, malgrado eram os alvos incessantes deles.²⁰ Assim, a brincadeira além de proporcionar a folga e o divertimento, possibilitava aos negros uma “ocasião para inverter sinais, e rir dos brancos” (Cunha, 2001 p.57).

De certo, devido às restrições das fontes, é complexo compreender o sentido dessas brincadeiras para os escravizados e negros. A participação desses sujeitos em práticas carnavalescas, no campo simbólico da sua presença na brincadeira, e o controle do que fazer ou não fazer sobre esses sujeitos, fosse na relação senhor-escravo ou com autoridades policiais, judiciais, eclesiásticas e políticas, demonstra que os escravizados combatiam essas amplas forças tanto no âmbito privado como no espaço público.

O que chama a atenção na história de Umbelina e Victória, é a participação de outros sujeitos na brincadeira, uma das netas de Umbelina relatando como ocorreu a brincadeira do entrudo naquele dia, na qual envolvia as jovens, seus primos e amigos, relata:

¹⁷ Cunha, 2001.

¹⁸ Id.

¹⁹ Id.

²⁰ Id.

[...] Nós a salvo os inundámos com tanta agua que a final fugirão em debandada. Um quiz subir nos hombros de um preto para escalar a sacada, mas uma gamella de agua cahiu em cima tanto a prumo que atirou com ella e o negro por terra; e o mais é que a gamella me escapuliu das mãos e por um triz os não escangalha (*O Mercantil*, n. 805, 31 de jan. 1869).

Estudar a presença de escravizados dentro do entrudo, podendo constituir-se em uma diversidade de relações torna a compreensão acerca da estrutura político-social do Brasil muito mais profunda e marcada por uma complexa rede de atuações. Burke²¹, ao abordar sobre o Carnaval de Veneza, caracteriza-o pelo estilo livre e divertido “um tempo de excitações aumentadas, um tempo percebido como de “liberdade universal” pelos participantes, que pareciam deter uma sensação de poder, de impunidade, no qual (quase) tudo era permitido” (Burke, 2001, p. 16), esse aspecto do Carnaval fala muito mais sobre a atuação de brancos e livres na sociedade, tomando por conta a presença de sujeitos libertos, negros e escravizados, não era um acordo geral a sua participação, a presença desses demonstra como eles conseguiam agir dentro das regras da sociedade escravista em casos muito específicos de possibilidades.

Possivelmente, a presença daquele sujeito negro se deu dentro dos vínculos com aqueles indivíduos e da permissividade dessa relação em um momento de folguedo, é plausível compreender que os senhores tomassem com certa benevolência a brincadeira entre negros e negras nas ruas, em espaços diferentes das famílias brancas, no entanto, a presença daquele sujeito dentro do espaço festivo das famílias demonstra a complexidade de criar e supor uma estrutura rígida para descrever as relações entre negros e brancos durante a escravidão. A atuação do mesmo naquele espaço esclarece sobre a diversidade de situações que o entrudo poderia oferecer a esses sujeitos, onde a agência deles não era uma excepcionalidade no sistema, mas o limite que se podia chegar estando inserido dentro do sistema. Seria fácil presumir um sistema regido pelo paradigma de regra e exceção; todavia, busca-se aqui ampliar nossa compreensão sobre esse sistema, é valoroso transcender essa perspectiva e explorar profundamente as relações que o constituem.

– Infração de postura – Tem-se já manifestado, com bastante antecedencia, tendencias para fazer-se reviver o antiquario entrudo, e alguns “limões de cheiro” e garrafas d’agua forão á dias empregadas pela rapaziada de bom gosto n’algumas ruas da cidade. Vai, porém, de encontro á tal pratica a postura da camara municipal, approvada pela Resolução Provincial n. 467 de

²¹ Burke, O Carnaval de Veneza in Carnavais e outras f(r)estas: ensaios da história social da cultura. Campinas: Editora da Unicamp, CECULT, 2001.

18 de Abril de 1859, que estabelece penas aos seus infractores. Como jornalista pensamos cumprir um dever prevenindo disto ao povo desta capital, e chamando ao mesmo tempo a atenção das autoridades competentes para que cesse semelhante abuso (*Commercial*, n. 8, 23 de jan. 1868).

– Carnaval – Este divertimento tão cheio de scenas burlescas e resiveis, e que os amadores do progresso aprecião tanto, parece que neste anno será aqui completamente mistificado. Como é sabido, parte da população se prepara para amanhã e nos mais dias percorrerem as ruas da cidade vestidos de costumes á character, ao passo que a outra pretende fazer reviver com todo o seu cortejo de loucuras o já cadaverico entrudo! Ora, se isto acontecer, o que não duvidamos, será mais uma prova de quanto o povo é soberano, pois cada um póde se divertir da maneira que mais fôr do seu agrado. Bellos tempos, na verdade, são estes porque atravessamos!... (*Commercial*, n. 16, 22 de fev. 1868).

Os relatos acima aparecem no mesmo ano (1868) do jornal *Commercial*, ambos apresentam uma discordância, enquanto o primeiro trecho busca reprimir a prática do entrudo o outro apresenta uma visão pacífica sobre o Carnaval e os folguedos praticados por diferentes indivíduos da sociedade. As notícias e informações, bem como as crônicas nos ajudam a reconhecer os conflitos culturais em torno do Carnaval no século XIX. Como exposto anteriormente, o divertimento carnavalesco era controlado através de leis onde as autoridades policiais eram empregadas no controle e na atuação prática dessas leis. As atividades de repressão legal contra o entrudo eram criadas em torno de um consenso de uma pequena parcela da sociedade que exigia ações para frear as brincadeiras no período carnavalesco, ao combater o entrudo essa pequena parcela conseguia moldar os festejos aos seus ideais.

A primeira Sociedade Carnavalesca em Desterro surgiu no ano de 1858²², essas sociedades se distinguiram do entrudo ao promover desfiles e bailes, buscavam criar uma alternativa “civilizada” do Carnaval. O entrudo era comparado a antigas práticas carnavalescas que deveriam ser superadas, por isso, a morte do entrudo e demais grupos eram imprescindíveis para o Carnaval alcançar a civilidade. A presença desses grupos heterogêneos dominando as ruas eram “insuportáveis porque ocupavam o mesmo espaço simbólico em que antes a elite da cidade pensava representar com exclusividade a legítima imagem do Carnaval” (Lazzari, 2002, p. 217).

A intensa presença de abusados e alegres foliões provocava furor nos burgueses e suas respeitáveis famílias, não admitiam “se misturar e igualar-se, sob uma máscara, com tal gente, muito provavelmente constituída de seus empregados, criadas domésticas e prestadores de

²² Colaço, 1988.

Entre Laranjas e Limões: A participação de negros e escravizados no Entrudo de Desterro – Ana Carolina Müller serviços ocasionais” (Lazzari, 2002, p. 234). Naturalmente, para essa parcela da sociedade, a festa constituída do povo não era algo a ser integrado à representação da sociedade desterreense ou “a qualquer noção de cidadania” (Lazzari, 2002, p. 237).

Os desfiles eram empregados pela elite desterreense que buscava recriar o Carnaval aos olhos da civilização, o objetivo era fazer com que os desfiles fossem a causa da morte do entrudo e outras práticas carnavalescas comuns entre a população desde os tempos coloniais, modificando assim as formas de divertimento e subtraindo aos formatos que consideravam mais adequado aos seus estilos de vida. Bem como “supostamente inspiradas nos carnavais venezianos” (Pereira, 2002, p. 314.). Os desfiles eram restritos aos sócios que filiavam-se as Sociedades e eram os únicos que tinham o privilégio de fantasiarem-se²³. O espaço do entrudo aos poucos era modificado, as ruas antes cheias de água deram espaço para os desfiles, e a população era agora mera espectadora.

No entanto, o entrudo não deixou-se morrer, a população era ainda responsável por continuar a divertir-se de molhar até a centúria seguinte, porquanto por volta de todo século XIX havia medo por parte dos integrantes das Sociedades Carnavalescas de serem agredidas com água pela população durante seus desfiles, ainda que nessa época o “povo estava recebendo forte influência do entrudo, não estando acostumado com as novidades carnavalescas, no caso, as sociedades carnavalescas” (Colaço, 1988, p. 54).

Essas "lutas de classes" carnavalescas, são episódios de conflito social disfarçados de brincadeiras de Carnaval, como os zé-pereiras e o arremesso de limões de cera. A imprensa, naturalmente era unânime em sua opinião, condenava essas práticas e pedia à polícia que interviesse com firmeza para coibir essas brincadeiras, descrevendo-as como atrasadas. Além de sua crítica, a imprensa também reconhecia a popularidade e a intensidade das brincadeiras carnavalescas, admitindo que essas atividades envolviam não apenas pessoas comuns, mas também indivíduos de alta estirpe, ou seja, pessoas de classes sociais mais elevadas, o que tornava esses conflitos mais complexos e difíceis de controlar.

O Carnaval na capital de Santa Catarina, no século XIX não era um acontecimento isolado da sociedade e refletia as diversas situações da vida desterreense e nacional, o entrudo abre uma janela para observarmos as práticas culturais em situações coloniais em que os sujeitos históricos socialmente desiguais e culturalmente diferentes estiveram inseridos em algum tipo de contato e relação com significados diferentes para cada um. O Carnaval era um fenômeno plural, suas variadas manifestações geraram diferentes reações, dependendo do local, do momento, das atividades realizadas e dos participantes envolvidos. Em uma

²³ Colaço, 1988.

Entre Laranjas e Limões: A participação de negros e escravizados no Entrudo de Desterro – Ana Carolina Müller
sociedade repleta de tensões, era inevitável que o Carnaval se transformasse em uma oportunidade para se expressar por meio de um amplo repertório lírico e satírico²⁴:

Cada individuo que percorria a rua era alvo de milhares de limões de cheiro; e raro não era agarrar-se qual-quer pessoa e precipital-a em um banho. Era uma inundação; velhos, moços, meninos, todos concorriam á esse jogo louco e disparatado; e era de vê-se os escravos e crianças envolvidos em uma crosta de polvilho ou de outra qualquer substancia polvorenta com que se lhes untavam o rosto, o pescoço e o peito (*O Despertador*, n. 1899, 1 de jun. 1881).

No trecho acima trata-se também de uma literatura, essa crônica está localizada no Jornal *O Despertador* do ano de 1881 ou seja, ainda ao findar do século XIX é encontrado relatos sobre a prática da brincadeira. Relatando sobre o furor da molhadura que os praticantes do entrudo realizavam, diversos indivíduos da sociedade participavam incluindo crianças e idosos, vê-se também os escravizados “envolvidos em uma crosta de polvilho ou de outra qualquer substância polvorenta com que se lhes untavam o rosto, o pescoço e o peito” (*O Despertador*, n. 1899, 1 de jun. 1881).

As referidas substâncias poderiam compor-se de pó branco, o hábito de pintar-se com essas soluções brancas era uma forma satírica de alusão aos senhores, e uma maneira de expressar os conflitos do mundo para esses sujeitos. O Carnaval em Desterro, ao pé da abolição contava com uma população de forros e escravizados, o clima de tensão era sentido por todos que interpretavam as possíveis consequências sociais dessa mudança e o entrudo oferecia um momento de possibilidades diversas antes da abolição da escravidão²⁵. Por meio do pó branco no corpo, esses sujeitos riam dos outros e de si, criavam um campo de atuação e de escape das regras sociais, permitindo temporariamente a subversão das normas e hierarquias, refletindo as tensões e inseguranças de uma sociedade à beira da mudança radical²⁶.

Diversas revoltas foram realizadas nos dias festivos²⁷, não somente porque o contexto dos folguedos propiciou um controle menor sobre escravizados e indivíduos marginalizados, mas porque eles tiveram oportunidade nas folgas e folias de reuniões e celebrações dos seus

²⁴ Cunha, Maria Clementina Pereira. Vários Zês, Um Sobrenome: As muitas faces do senhor pereira no carnaval carioca da virada do século in Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

²⁵ Cunha, 2001.

²⁶ Ibid., p. 41.

²⁷ Reis, João José, Tambores e Temores: A festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX in Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002, p. 117.

Entre Laranjas e Limões: A participação de negros e escravizados no Entrudo de Desterro – Ana Carolina Müller “valores próprios e rituais de identidade e solidariedade” (Reis, 2002, p. 117). Tomados pelo sentimento de liberdade, que frequentemente a festa promove, a desordem simbólica da sociedade ficava “a um passo da rebelião real” (Reis, 2002, p. 117). Naturalmente, o Carnaval e sua aparente permissividade, contribuiu para que este e diversos outros significados fossem expostos por diferentes personagens, no que concerne às décadas anteriores à abolição, a brincadeira do entrudo possibilitou a esses sujeitos a “possibilidade prazerosa de uma desforra para a maior parte da população, cuja aparência física era associada à condição social.” (Cunha, 2001, p. 41).

A imagem do Carnaval imbuída nos desfiles e bailes, promovido pelas Sociedades Carnavalescas e familiarizado na memória das futuras gerações, produziu o silenciamento das outras brincadeiras e folguedos, bem como, ocultou os significados delas para os próprios sujeitos nos séculos anteriores. No ofício do historiador, é crucial reconhecer a falsa sensação de familiaridade com o passado carnavalesco. O Carnaval foi ressignificado por todos os participantes que utilizaram as brincadeiras para diferentes propósitos em suas vidas. Simbolicamente, o Carnaval sempre foi visto pela população como um momento de liberdade e igualdade, onde todos compartilhavam o mesmo espaço de diversão. No entanto, um estudo mais profundo revela a complexidade das relações que o envolviam. O Carnaval é portanto, nas mãos da historiadora Maria Clementina Pereira Cunha “um bom exemplo de sua advertência de que os historiadores precisam ser sempre alertados contra esta falsa impressão de familiaridade com o passado e receber doses constantes de choque cultural” (Cunha, 2002, p. 385).

Considerações finais

Molhar as pessoas era uma forma de praticar o entrudo, uma das faces do Carnaval no século XIX em Desterro. Ao longo do artigo, identificou-se algumas correlações de significados e apropriações do entrudo para diferentes grupos sociais. Um estudo aprofundado sobre a agência de escravizados e negros nesse contexto contribui para ampliar a complexa rede que compreende as folias carnavalescas e o cotidiano desses sujeitos no período da escravidão. Histórias e conflitos foram silenciados ao serem inseridos na fusão 'Carnaval', descrito por muitos historiadores e folcloristas, que não souberam capturar completamente a complexidade dessas relações, deixando de lado a existência de significados diferentes para cada sujeito em nome da criação de uma cultura popular nacional²⁸.

²⁸ Lara, Silvia. Significados Cruzados: Um reinado de congos na Bahia setecentista in Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

Devido a escassez de documentos escritos pela população africana e negra presente em Desterro e que exemplificam a sua visão de mundo, é ainda complexo identificar como eles percebiam as folias e os significados que traduziam para si, por mais que o presente estudo tentou em algum momento identificar esses aspectos, ainda é preciso reafirmar que trata-se de um movimento complexo. É certo que com base nos documentos expostos, das crônicas, literaturas e as leis, consegue-se identificar a insistência desses sujeitos em “fazer um mundo seu do lugar e hora de festejar, um mundo que desejavam sempre mais ampliado em tempo, espaço, formas, gestos, jeitos” (Reis, 2002, p. 102). A busca por fazer do mundo um lugar seu por meio do folguedo não pode porém ser interpretado à luz de que viviam em plenas condições de liberdade e atuação, é preciso reafirmar sobre a falsa sensação de familiaridade com o passado. Os escravizados e negros naquela sociedade para alcançarem seus objetivos, negociavam com cautela, agindo excepcionalmente nos limites do sistema para desafiar as regras e hierarquias impostas.

Nos periódicos analisados, os negros e escravizados eram retratados de forma subalterna, frequentemente enquadrados como criminosos, participantes “desordeiros” do entrudo ou meros espectadores. Além de serem alvo de injúrias, a própria festividade era descrita como atrasada e incivilizada, em contraste com o discurso que promovia o Carnaval das Sociedades Carnavalescas como uma celebração mais “adequada” e alinhada aos ideais de civilidade da elite. Barros (2021), sugere que os jornais funcionavam como instrumentos de controle social, reforçando discursos de ordem e progresso e legitimando práticas de exclusão cultural. Assim, a análise dos periódicos revela o papel da imprensa na construção da identidade nacional e na marginalização das expressões populares. Dessa forma, um estudo que considere a natureza ideológica dos jornais, aliado ao cruzamento com outras fontes documentais, permite não apenas compreender os discursos da época, mas também possibilita abrir uma janela e observar como os personagens dessa história agiam e percebiam o mundo à sua volta.

Ao contrário do que defendiam os periódicos e os inventores das Sociedades Carnavalescas, o entrudo não desapareceu, os dias do Carnaval continuaram a ser também os dias de se molhar, a presença de variadas relações, formas de brincar, a heterogeneidade dos indivíduos, aumentada conforme chegava perto da abolição ia contra os ideais propostos por determinadas parcelas da sociedade que viam nos desfiles e bailes o progresso e civilização, estavam porém longe de se tornarem exclusivos do Carnaval²⁹. Quando negros e escravizados pintavam os seus rostos de branco “criavam um simulacro do outro para ridicularizá-lo”

²⁹ Cunha, 2001.

Entre Laranjas e Limões: A participação de negros e escravizados no Entrudo de Desterro – Ana Carolina Müller (Cunha, 2001. p. 58), a brincadeira inserida em uma sociedade escravista não pode ser interpretada como uma concessão do senhor, mas demonstra o mal-estar presente naquela sociedade às vésperas do fim da escravidão, nas relações raciais e sociais onde os negros explicitavam a percepção que tinham dos senhores ao passo que introduziam o tema do combate da desigualdade sob a aparência de uma folia.

Fontes Impressas

1. Commercial, n. 8, 23 de jan. 1868. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=886165&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=25> Acesso em: 12 ago. 2024.

2. Commercial, n. 16, 22 de fev. 1868. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=886165&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=57> Acesso em: 12 ago. 2024.

3. O Despertador, n. 671, 3 de jul. 1869. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=709581&pagfis=2586> Acesso em: 12 ago. 2024.

4. O Despertador, n. 1,659, 28 de jan. 1879. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=709581&pagfis=6420> Acesso em: 12 ago. 2024.

5. O Despertador, n. 1899, 1 de jun. 1881. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=709581&pagfis=7326> Acesso em: 12 ago. 2024.

6. O Mercantil, n. 805, 31 de jan. 1869. Disponível em:

<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=889067&hf=hemeroteca.ciasc.sc.gov.br&pagfis=29> Acesso em: 12 ago. 2024.

Fontes Documentais

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Ofício do chefe de polícia para o presidente da província. Desterro, 19 de fevereiro de 1844. Disponível em:

https://acervo.arquivopublico.sc.gov.br/uploads/r/arquivo-publico-do-estado-de-santa-catarina/2/3/3/233b68fc6678b64032633a5d1e7d40d047dae8724596eedb7ae71eb604edc92c/CATALOGO_SELETIVO_SOBRE_A_ESCRAVIDAO_1833-1870.pdf Acesso em: 12 ago. 2024.

Referências Bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica. *Revista Portuguesa de História*, v. 52, 2021. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/rph/article/view/8691>.

BURKE, Peter. O Carnaval de Veneza In: _____ (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios da história social da cultura**. Campinas: Editora da Unicamp, CECULT, 2001.

COLAÇO, Thais Luzia. **O carnaval no Desterro: século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História/Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Apresentação**. In: _____ (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas: Editora da Unicamp, CECULT, 2001.

CUNHA, Maria Clementina P. **Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In: _____ (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios da história social da cultura**. Campinas: Editora da Unicamp, CECULT, 2001.

LAZZARI, Alexandre. Momo Decaído: A imprensa e a tradição perdida do carnaval porto-alegrense no fim do século XIX. In: _____ (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios da história social da cultura**. Campinas: Editora da Unicamp, CECULT, 2001.

LARA, Silvia. Significados Cruzados: Um reinado de congos na Bahia setecentista. In: _____ (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios da história social da cultura**. Campinas: Editora da Unicamp, CECULT, 2001.

LUCA, Tânia Regine de. História dos, nos e por meio de periódicos. IN: PINSKY; BACELLAR; GRESPAN, et al. Org.: *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Cristiana Schettini. Os Senhores da Alegria: A presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. In: _____ (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios da história social da cultura**. Campinas: Editora da Unicamp, CECULT, 2001.

REIS, João José, Tambores e Temores: A festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In: _____ (org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios da história social da cultura**. Campinas: Editora da Unicamp, CECULT, 2001.

SILVA, Jaime José dos S. **Sons que ecoavam no passado: as festas de origem africana em Desterro na primeira metade do século XIX**. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Monografia de Conclusão de Curso, 2009.

